



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10428 - Resumo Expandido - Pôster - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

### A ESSAS E TANTAS OUTRAS: NARRATIVAS DA CONSTRUÇÃO DE UMA TESE GERONTOPEDAGÓGICA

Adriana da Silva Lessa - PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

### A ESSAS E TANTAS OUTRAS: NARRATIVAS DA CONSTRUÇÃO DE UMA TESE GERONTOPEDAGÓGICA

O presente trabalho compõe recortes da estruturação de meu exame de qualificação de minha tese de doutorado, pesquisa fruto de uma relação de quatro anos com um grupo de idosas onde o tempo e a intimidade construíram um vínculo de confiança. Como minha tese encontra-se em construção, e ainda não passei pelo exame de qualificação, pretendo relatar as lembranças, os sentimentos e dificuldades encontradas para realizar minha pesquisa em tempos de pandemia. Fica o desejo de dividir no universo acadêmico as vivências comuns, mas saudáveis, e as pedagogias do cotidiano utilizadas pelas pessoas velhas, pois infelizmente ainda há muito estigma em torno dessas pessoas. Meu estudo tem como objetivo debater as práticas educacionais de mulheres idosas, as gerontopedagogias do cotidiano delas, bem como expor suas potencialidades, pois essas mulheres infelizmente amargam em papéis estereotipados de reacionárias e adoecidas por leigos e acadêmicos de forma geral. Atualmente a velhice está sendo cogitada a compor a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID) como uma patologia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o que descredibiliza todos os esforços dos pesquisadores que entendem a velhice como uma fase da vida como qualquer outra, com suas benesses e dificuldades. Sendo a gerontopedagogia um braço da enorme teia de atuação gerontológica é importante frisar o caráter interdisciplinar da ciência em questão: o campo educacional que absorve toda e qualquer atividade educativa, em espaços formais ou informais, que envolvam idosos (JACOB, 2012).

Mesmo com o processo de envelhecimento do país já iniciado, onde deixamos de ser uma república composta de jovens para se tornar um país majoritariamente idoso e o fenômeno da feminização do envelhecimento, onde as mulheres constituem a maior parte da população idosa brasileira, vivendo de cinco a sete anos mais que os homens, a academia brasileira ainda conta com pouco material publicado especificamente na área da Educação com essa população. Entendendo que viver mais, nem sempre é sinônimo de viver melhor, pois as mulheres são expostas durante sua vida a maiores riscos de violência, salários inferiores, dentre outras variáveis sociodemográficas que demonstram sua vulnerabilidade em decorrência do gênero (ALMEIDA et al, 2015, p. 116). Em virtude do reconhecimento das

transformações sociais e do aumento do número de pessoas idosas, principalmente mulheres, o fomento da inclusão social e do protagonismo dessas pessoas é entendido como abordagem geradora de cidadania, lazer e qualidade de vida a esse segmento populacional. Nesse sentido, pensar em ações com a população idosa torna-se uma necessidade. As mulheres em questão já organizam atividades de forma autônoma há vinte anos. A minha inclusão no grupo se deu através de ações de voluntariado e, posteriormente com a formação de um sólido vínculo, fui sendo inserida nas demais atividades, tais como: grupo de música, exercícios e viagens, para além da fronteira institucional. Em nossas atividades é clara a realidade da feminização da velhice, pois a participação é massivamente de mulheres, enquanto os homens que estavam vinculados à atividade faltavam constantemente aos encontros ou relatavam só estarem presentes por insistência de sua companheira.

Para expressar a escassez da divulgação científica do trabalho educativo de idosos, realizei um levantamento inicial sobre a realidade da temática no país para a construção deste resumo. Começo ressaltando que há somente um grupo de pesquisa de uma universidade federal em meu estado que se ocupa diretamente da pesquisa sobre o envelhecimento e a Educação e, em uma busca na biblioteca geral da ANPED, encontrei apenas cinco trabalhos que versam diretamente sobre o tema em seus títulos. Nos anais da última reunião nacional foi encontrado apenas um trabalho, bem como três na reunião de minha região. Na trigésima oitava reunião nacional encontrei dois trabalhos acerca do envelhecimento, sendo as palavras-chave pesquisadas em todas as edições: envelhecimento, idosos, idosas, velhos, velhas, velhice, terceira idade, viúvas, viúvos.

Com os contatos de forma virtual fiz um levantamento com elas se seria possível aprendermos juntas a fazer chamadas de vídeo para voltarmos a ativa e começarmos a vislumbrar o futuro do nosso grupo. Me coloquei no lugar de aprendiz junto delas, o que facilitou, pois inicialmente havia muita resistência tecnológica. Percebi nas entrelinhas que talvez houvesse um pouco de vergonha por não saberem acompanhar o ritmo dos encontros por não saberem ou temerem esses recursos, imaginando equivocadamente que eu teria maior domínio ou gosto por tal mecânica. Ao me colocar como alguém que também não gosta de encontros virtuais, redes sociais e tecnologia, muito menos prefere esse tipo de interação, surgiu a possibilidade de fazermos treinamentos e experimentarmos os recursos não como substitutos dos nossos encontros grupais quando na modalidade presencial, pois jamais seria o mesmo, mas como um novo lugar para fazermos combinações para o futuro do grupo e para falarmos como foi a semana de cada uma, como se fosse uma ligação telefônica. Tirando o peso da tecnologia e da pesquisa, algo que elas anseiam por participar, mas não admitem ser *online*, tudo passou a fluir. Os encontros que antes eram negados veementemente agora ocorrem semanalmente terças, às 15h. É um café na varanda, um mostrar o jardim ou o pet, enfim, uma conversa fora entre amigas. A relação reconstruída torna as participantes próximas e a vontade, mesmo com o uso da tão temida tecnologia, proporcionando encontros mais informais que estão resultando em anotações poderosas que dá voz para pessoas comuns, com bagagem extensa de memórias e que muito tem a dizer, mas nem sempre muitos dispostos a ouvir. E desse jeito a banda começou a tocar novamente...

As conversas começam genéricas e amplas, mas aos poucos vão afunilando e tornando-se temáticas. Elas relatam suas dificuldades de saúde, que são variadas (leucemia, obesidade, diabetes, asma...), e suas perdas ao longo dessa pandemia. A maior dor aparece na perda de familiares mais novos. A penumbra da morte que ainda ronda e um certo sentimento de culpa “era tão novo, pela lei da vida era para ser eu?” aparecem e são sentimentos acolhidos. As alegrias por terem conseguido um tratamento médico no SUS ou a vacina são compartilhadas semana após semana. As diferenças geracionais e dos papéis femininos dentro e fora de casa também entram em debate, como nesse relato: *“quando eu era nova a mulher não tinha muita opção, era casar e ser mãe, eu fui estudar, tirar faculdade, e era uma das*

*poucas da minha cidade (região metropolitana de POA). Andava sozinha às dez da noite para voltar do curso e isso era visto com muito espanto. Para melhorar de vida só estudando e geralmente quem estudava eram os rapazes ou moças em melhores condições de vida. Melhorava de vida sendo humilde mais era o homem e a gente tinha que casar para melhorar ou então se virar trabalhando e estudando ainda mais.*

No último encontro virtual acabei por descobrir que fui cliente por anos de um famoso restaurante de pizzas de propriedade de uma das senhoras que participa ativamente do grupo. Ela me contou dos seus empreendimentos em um dos bairros boêmios da capital e da divisão desses bens quando se separou. Ela acabou deixando a pizzaria sob direção do ex-marido e de seu filho. Também contou como conheceu seu atual marido em seu outro empreendimento, uma cafeteria. *“Ele ia diariamente tomar café na minha cafeteria, religiosamente todas as manhãs. Acho que por ser sozinho, não queria fazer café só pra ele. Conversa vai e conversa vem ele me convidou para ir ao teatro e eu aceitei. Aí virou jantar, barzinho... até que me convidou para morar com ele e estamos com união estável tudo certinho faz muito tempo. Há oito anos eu também fiz um curso na PUC que minha filha me deu. Era para aprender a me cuidar melhor, mas no fim eu saí de lá com mais um emprego (cuidadora de idosos) e com um marido tudo no mesmo ano. Faz oito anos que cuido de idosos e comecei o curso as vésperas dos meus sessenta anos. Faço por gostar de gente velha, pois não preciso do financeiro”.*

Por fim as novas combinações com o grupo giram em torno de estudarmos maneiras de voltarmos para o presencial com o máximo de segurança. Com a maioria das integrantes vacinadas com as duas doses e eu também, estamos conjecturando locais abertos e com boa circulação de ar, como praças ou parques, para que iniciemos a escuta presencial. Ainda vivemos em meio a uma pandemia, mas já começamos a vislumbrar um futuro com mais esperança e proximidade. A partir da organização do trabalho brevemente compartilhado gostaria de mostrar a riqueza de conteúdo que a investigação irá aflorar quando concluída e é por “essas e tantas outras” que reforço a importância da continuidade do presente estudo e a divulgação científica de minha pesquisa.

Palavras-chave: Gerontopedagogia. Relações de gênero. Educação de Jovens e Adultos.

ALMEIDA, A. V. et al. A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. **Textos & Contextos**, v. 14, n. 1, p. 115 - 131, jan./jun. Porto Alegre, 2015.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3ª ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

Jacob, L. (2012). **Universidades Seniores**: Criar novos projectos de Vida. Edição RUTIS